



**USO DE DROGAS E ESTILOS PARENTAIS PERCEBIDOS NA  
ADOLESCÊNCIA: MODELOS DE INTERVENÇÃO PARA  
PREVENÇÃO E TRATAMENTO**

Aline Eymael Domingues

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização

Porto Alegre/RS, 2011

**USO DE DROGAS E ESTILOS PARENTAIS PERCEBIDOS NA  
ADOLESCÊNCIA: MODELOS DE INTERVENÇÃO PARA  
PREVENÇÃO E TRATAMENTO**

**Aline Eymael Domingues**

Trabalho apresentado como exigência parcial  
para obtenção do grau de Especialista em Psicologia  
sob orientação do Prof. Dr. Claudio Simon Hutz

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Novembro, 2011.**

## AGRADECIMENTOS

**Aos meus *wonderwalls* (aqueles que me salvaram, meus “protetores”):**

Thiago Eymael Domingues, meu único irmão, porque no final das contas e apesar de tudo, ele foi ‘aquele que me salvou’,

Márcio Carvalho, parceiro de meu irmão na polícia, porque, assim como sobre mim, a conversa que corre na rua é que o fogo em seu coração se apagou, mas eu sei que, assim como eu, ele nunca duvidou,

Pierre Albuquerque, meu namorado, Dr. Neiss Felix Santin, meu psiquiatra e psicoterapeuta e Jean Natividade, meu amigo e colega, por terem me guiado quando todas as luzes que deveriam iluminar o caminho estavam, na verdade, me cegando,

Marculino, onde quer que ele esteja, porque todas as estradas pelas quais tivemos de caminhar foram sinuosas,

Cláudio Hutz, mais que meu orientador, meu mestre, que fez com que hoje fosse o dia em que algo me foi devolvido, e a quem eu gostaria de dizer muitas coisas, mas não sei como,

Alveny e Felipe Domingues, meus pais, por me ajudarem a perceber o que eu tinha que fazer.

**Eu não creio que alguém se sinta em relação a vocês como eu me sinto agora!**

## CITAÇÃO

Hoje vai ser o dia em que eles vão devolver isso para você.  
Neste momento você devia, de algum modo,  
ter percebido o que tem de fazer.  
Eu não creio que alguém sinta-se do modo como me sinto  
a seu respeito neste momento.

A conversa que corre na rua é que o fogo no seu coração se apagou  
Tenho certeza que você ouviu isso tudo antes,  
mas você nunca realmente teve uma dúvida.  
Eu não creio que alguém sinta-se do modo como eu me sinto  
sobre você agora

E todas as estradas pelas quais temos de caminhar são sinuosas,  
E todas as luzes que nos conduzem até lá estão nos cegando.  
Existem muitas coisas que eu gostaria de dizer para você,  
mas eu não sei como...

Porque talvez você vai ser aquele que me salva...  
E apesar de tudo, você é meu protetor

Hoje iria ser o dia, mas eles nunca devolverão isso para você.  
E neste momento você devia, de algum modo,  
ter percebido o que não deve fazer.  
Eu não creio que alguém sinta-se do modo como me sinto  
sobre você agora

E todas as estradas que conduziam até você eram sinuosas,  
E todas as luzes que deveriam iluminar o caminho estão cegando.  
Existem muitas coisas que eu gostaria de dizer para você,  
mas eu não sei como...

Eu disse que talvez você seja aquele que me salvará...  
E no final das contas, você é meu protetor.

OASIS - WONDERWALL

## SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	07
Justificativa	08
Objetivos	09
CAP I	10
Drogas e Usuários	
Padrões de Consumo de Drogas	11
Fatores Associados ao Consumo de Drogas	13
CAP II	16
Estilos Parentais	
CAP III	20
Modelos de Intervenção para Prevenção e Tratamento	
CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS	25

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi revisar a associação entre uso de drogas e estilos parentais percebidos por adolescentes, além de sugerir alguns modelos de intervenção para prevenção e tratamento. Para tanto, os temas foram revisados teoricamente. Como resultados, ressalta-se a importância dos modelos de intervenção para prevenção e tratamento de riscos ao desenvolvimento do adolescente, como o uso de drogas.

**Palavras-chave:** droga (uso); estilo parental; modelos de intervenção.

## INTRODUÇÃO

Muitos dos adolescentes que experimentam drogas costumam deixar de usá-las na idade adulta. Ainda assim, é na adolescência que a dependência química pode se desenvolver e é muito difícil determinar quais sujeitos irão se tornar dependentes químicos (Fulkersen, Harrison & Beebe, 1999). Diversos estudiosos têm se debruçado acerca da vulnerabilidade dos jovens frente às drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas. Levantamentos apontam que o consumo de drogas por jovens está tendo um aumento significativo (Galduróz, Noto, Fonseca, & Carlini, 2005; Guimarães, Godinho, Cruz, Kappann, & Junior, 2004).

Ao analisar a problemática do uso de drogas pelos jovens parte-se do pressuposto de que existem fatores de risco e proteção agindo concomitantemente sobre o desenvolvimento desses adolescentes, fazendo com que alguns se tornem mais vulneráveis e outros mais adaptados. Pode-se afirmar, conforme Yunes e Szymanski (2001), que os fatores de risco estão relacionados a eventos de vida que aumentam a probabilidade de o sujeito apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais. Em contrapartida, os fatores de proteção podem ser entendidos como aquelas influências que podem melhorar as respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação (Rutter, 1993).

Conforme Butters (2002), os estressores familiares ampliam a probabilidade de uso de maconha. Schenker e Minayo (2003) citam diversos fatores que influenciam no uso de drogas, tais como o grupo de pares, a rede social e a família. A maneira como se cria os filhos é fundamental na constituição do indivíduo. Assim, pode-se concluir que a maneira como os pais educam seus filhos diz muito a respeito do comportamento de risco que esses podem vir a ter na adolescência.

Segundo Caballo (2011), existem diferentes técnicas para intervenção psicológica, objetivando tanto prevenir quanto tratar o uso de drogas entre adolescentes. As técnicas de terapia e modificação do comportamento buscam modificações do comportamento de maneira prática e profunda. Conforme o autor, a modificação, ou terapia comportamental, seria o movimento mais importante dentro da psicologia clínica nas últimas décadas. Não somente os termos divergem dos da psicologia clínica tradicional,

como também as atitudes, além do processo de aproximação ao problema, sua avaliação do mesmo e seguinte tratamento.

Há uma grande diversidade de procedimentos da modificação do comportamento. Aqui será descrito o Treinamento de Pais (TP). O TP pode ser definido como um enfoque para o tratamento dos problemas de comportamento que utiliza procedimentos por meio dos quais se treina os pais para modificarem o comportamento de seus filhos em casa (McMahon, 1996). Os pais reúnem-se com o terapeuta, que lhes ensina a utilizar procedimentos específicos para modificar sua interação com o filho.

### **Justificativa**

Entre as variáveis relacionadas ao consumo de drogas por adolescentes, apontam-se como predisponentes do uso: ser do sexo masculino (Carlini et al., 2006; Galduróz et al., 2005; Laranjeira et al., 2007), incrementos na idade (Baus et al., 2002; Laranjeira et al., 2007; Strauch, Pinheiro, Silva, & Horta, 2009), defasagem escolar (Horta, Horta, Pinheiro, Morales & Strey, 2007; Tavares, Béria, & Lima, 2001; Strauch et al., 2009), estudar em escola pública (Soldera, et al. 2004), grupo de iguais consumidores de drogas (Wood, Read, Mitchell, & Brand, 2004), uso de drogas pelos pais (Bahr, Hofmann, & Yang, 2005), não viver com os pais (Noto et al., 2004), não monitoramento parental (Bahr et al., 2005; Borawski, Ievers-Landis, Lovegreen, & Trapl, 2003; Springer, Sharma, Guardado, Nava, & Kelder, 2006), estilo parental diferente do autoritativo (Weiss & Schwarz, 1996). Essas últimas variáveis, relacionadas à família, podem sobrepor o poder punitivo das demais (Wood et al., 2004), o que pode conferir aos cuidadores dos adolescentes uma especial importância preventiva ao uso de drogas (Sanchez, Oliveira, & Nappo, 2005; Wu, et al., 2004).

Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts e Dornbusch (1994) salientam que os pais tidos como autoritativos estabelecem e fazem cumprir as regras por meio do monitoramento da conduta e da utilização de métodos não-punitivos quando há violação de das regras, eles esperam e reforçam responsabilidade social e comportamento maduro em seus filhos; além disso, são calorosos, encorajam o diálogo, incentivam o ponto de vista dos filhos e reconhecem os direitos tanto dos pais quanto dos filhos. Os pais considerados negligentes apresentam uma tendência a não monitorar o comportamento de seus filhos e a não se importar com os interesses deles. Os indulgentes também são tolerantes, costumam exercer pouca autoridade, fazem poucas

exigências por comportamento maduro; entretanto, eles envolvem-se com seus filhos, ao contrário dos pais negligentes. Os pais autoritários tendem a controlar o comportamento de seus filhos de acordo com um determinado padrão, dão ênfase à obediência, ao respeito pela autoridade e à ordem; contudo, eles não encorajam o diálogo com seus filhos e esperam que eles sigam as regras mesmo que essas não tenham sido adequadamente explicadas, o que contrasta com a criação autoritativa.

Domingues, Natividade e Hutz (2011) verificaram as relações entre estilos parentais percebidos e uso de drogas por adolescentes, além de testar o poder preditivo dos estilos parentais para o consumo dessas substâncias psicoativas. Para tanto, aplicou-se um inventário sobre o uso de drogas e uma escala de estilos parentais em 649 estudantes de escolas públicas e particulares, 55% eram do sexo feminino, com média de idade de 14,9 anos ( $DP=1,6$ ). Constatou-se maior frequência de usuários de drogas entre os participantes do ensino fundamental, os de escolas públicas e os com percepção de estilo parental negligente. As variáveis idade, tipo de escola, exigência e responsividade parental compuseram um modelo preditivo para o consumo de drogas. Os resultados indicaram a importância do estilo autoritativo para a prevenção e do negligente para o risco do uso de drogas.

### **Objetivos**

Tendo em vista a importância atribuída à socialização proporcionada pela família no âmbito do consumo de drogas, sobretudo à maneira como os cuidadores relacionam-se com seus filhos, elaborou-se este estudo com o objetivo de revisar conteúdos acerca da relação dos estilos parentais com o uso de drogas por adolescentes, além de sugerir intervenções para prevenção e tratamento.

## **CAPÍTULO I**

### **Drogas e Usuários**

O uso de drogas psicotrópicas faz parte da história do ser humano o qual, desde o início de sua existência, utilizou-se de diversas substâncias que proporcionavam alterações em suas funções psíquicas e comportamentais (Seibel & Toscano Jr., 2001). Estudos antropológicos, como os de Varella (2005) e MacRae (2001), inclinam-se sobre a questão apontando registros históricos da utilização de drogas pelo homem desde os tempos mais remotos, com diferenças no padrão de consumo, assim como em suas espécies, frequência e objetivo.

Varella (2005) revela que as drogas psicoativas fazem parte de um conjunto de substâncias que têm a característica comum de serem “ingeridas”, e assim, integram a história da alimentação humana. Além disso, como outros bens e produtos, fazem parte da cultura material de um povo. Numa proposta de história cultural das drogas, ele afirma que temos que levar em consideração os processos de produção, distribuição e consumo, portanto, a “economia” das drogas, dentro de um universo simbólico em que se debatem estas práticas, que, em suma, são “práticas culturais” em um ambiente de “relações de poder”, expressões chaves da tradição dos estudos de história cultural.

O ópio, por exemplo, aparece mencionado em hieróglifos egípcios com utilidades medicinais. Da mesma forma, citações acerca do alívio corporal e espiritual proporcionado pelo cânhamo, proveniente da China, podem ser encontradas em um tratado médico do século I, baseado em 3000 anos de estudos sobre o tema. O cânhamo também era utilizado pelos budistas, com fins de meditação, enquanto que, na Índia, era indicado para agilizar a mente (MacRae, 2001).

Carlini, Noto, Galduróz e Nappo (1996) em um levantamento no Brasil traçaram um perfil histórico sobre o uso de opiáceos e cocaína, incluindo dados sobre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, ao longo dos dois últimos séculos. Os resultados mostraram que nos últimos 200 anos estas drogas já gozaram de grande prestígio e até foram comercializadas livremente. Os autores ainda apontam que pesquisas recentes, com estudantes de ensino fundamental e médio e jovens em situação de rua de São Paulo e do Rio de Janeiro sugerem que estas cidades estão entre as maiores consumidoras de drogas do país.

Os efeitos decorrentes do consumo de drogas podem ir desde uma suave estimulação gerada por uma xícara de café até os efeitos extremamente modificadores causados por alucinógenos, por exemplo. No entanto, a droga de abuso é uma substância que age fortemente nos mecanismos de gratificação do cérebro, provocando efeitos estimulantes, euforizantes ou tranquilizantes. Propondo-se um melhor entendimento sobre o assunto, estudiosos como Medina, Santos e Filho (2001) classificaram os tipos de usuários e as categorias de frequência de utilização de drogas. Os indicadores de frequência e a intensidade do uso de drogas são: uso no ano (leve ou de maneira esporádica), uso no mês (de leve a frequente), uso na semana, diário ou quase diário (uso pesado ou frequente).

Quanto aos tipos de usuários, consideram-se experimentadores aqueles sujeitos que utilizaram em poucos episódios e descontinuaram tal uso. São considerados usuários recreativos aqueles que utilizam uma substância psicoativa em circunstâncias sociais, sem dependência ou outro transtorno. Os usuários recreativos são muito similares aos usuários sociais, que usam a droga com outras pessoas, sem que isso acarrete maiores danos. Os usuários disfuncionais são aqueles que usam drogas as quais lhe causam prejuízos em funções psicológicas ou sociais. Os usuários nocivos são tidos como indivíduos que têm um padrão de uso cujos malefícios já estão causando danos a sua saúde física ou mental. Semelhante aos nocivos são os usuários arriscados, os quais têm um padrão de uso de droga que amplia os riscos de consequências prejudiciais a si mesmo (Medina et al., 2001).

Já os dependentes químicos ou toxicômanos são as pessoas que desenvolvem uma síndrome caracterizada por um conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos, tal que o uso de uma substância ou uma classe de substâncias atinge grande prioridade em suas vidas, tornando-se maior que aquelas que antes tinham valor. A característica principal da síndrome da dependência é o forte desejo de consumir substâncias psicoativas, que podem ou não ter sido prescritas por médicos e que podem ou não ser lícitas (Medina et al., 2001; Seibel & Toscano Jr., 2001).

### **Padrões de Consumo de Drogas**

Grande parte dos estudos epidemiológicos acerca do consumo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas no Brasil direciona-se a populações estudantis. Supõe-se que os adolescentes têm sido escolhidos para tais estudos por serem considerados grupo de

risco para o uso de drogas. A comparação entre tais investigações nacionais não tem sido possível em função de não existir uma padronização metodológica entre elas (Medina et al., 2001).

Estudos realizados em 1994 apontam que, nos Estados Unidos, as maiores taxas de prevalência de abuso de álcool para homens e mulheres ocorrem antes dos 45 anos. Os problemas com o alcoolismo se iniciam na juventude, antes dos 25 anos, e são mais prevalentes em homens. A maconha vem tendo seu consumo ampliado desde 1993, tendo prevalência de uso de 16% na vida, 14% no ano e 7% no último mês enquanto que a cocaína correspondeu a apenas 1,9% do uso na vida, 0,6 no ano e 0,2 no último mês (Medina et al., 2001).

Na América Hispânica, em 1994, um inquérito epidemiológico domiciliar no Chile, com uma amostra de 8.271 indivíduos, com idade entre 12 e 64 anos, para avaliar o uso de substâncias psicoativas encontrou uma prevalência de 40% de indivíduos abusadores de álcool, na maioria homens. Encontrou-se uma prevalência global de 13,4% para uso de maconha e cocaína na vida sendo que, entre os homens, a taxa é de cerca de três vezes maior do que em mulheres. A taxa de consumo para tranquilizantes foi de 2,9%, e para anfetaminas, 0,2%. O consumo de drogas foi maior na classe socioeconômica alta, estimado em 21,1% e para pessoas na faixa etária dos 19 aos 25 anos (22,2%) (Medina et al., 2001).

Baus, Kupek e Pires (2002) realizaram, em Florianópolis/Santa Catarina, um estudo descritivo transversal, com o intuito de analisar a prevalência e os fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre 478 estudantes de 13 a 18 anos de uma escola pública de primeiro e segundo grau. O instrumento utilizado foi um questionário anônimo e padronizado sobre uso de drogas, elaborado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicótropas (Cebrid), baseado no modelo da Organização Mundial da Saúde (OMS) para pesquisa de uso de drogas e aplicado no IV Levantamento Nacional, acrescido de algumas perguntas elaboradas pelos investigadores. Analisando os resultados, os pesquisadores constataram que os jovens usam diversas drogas, sendo as mais utilizadas: o álcool (86,8%), a maconha (19,9%), os solventes (18,2%) e os anfetamínicos (8,4%). Os fatores demográficos relacionados ao uso de drogas foram: idade, sexo, classe socioeconômica e morar ou não com os pais.

Carlini-Cotrim, Gazal-Carvalho e Gouveia (2000) realizaram, em São Paulo, um estudo de corte transversal, com 17 escolas particulares e estaduais. Os dados foram

coletados por meio de uma versão do questionário de autopreenchimento, utilizado pelo *Centers for Disease Control*, órgão norte-americano que monitora o comportamento de risco entre jovens, tais como uso de cigarro, álcool e outras substâncias, hábitos alimentares, prática de exercícios físicos, conduta violenta e comportamento no trânsito. Os resultados apontaram que mais de 50% dos estudantes realizava comportamentos de risco, principalmente entre os 15 e os 18 anos de idade. Dentre os comportamentos de risco, além de praticar sexo inseguro, dirigir motocicletas sem capacete, andar armado e tentar o suicídio, estão o uso de drogas como álcool, maconha e medicamentos para emagrecer.

### **Fatores Associados ao Consumo de Drogas**

Na busca de um melhor entendimento da questão do uso de drogas, faz-se necessário analisar os possíveis fatores associados. A Organização Mundial da Saúde (WHO, 1980) propõe que estariam mais expostas ao risco do uso de drogas aquelas pessoas sem adequadas informações sobre os efeitos das drogas, pessoas com saúde deficiente, sujeitos insatisfeitos com sua qualidade de vida ou com personalidade deficientemente integrada e indivíduos com fácil acesso às drogas. Forster, Tannhauser e Barros (1996) investigaram tais agentes e concluíram que os que mais influenciavam sobre o uso de drogas eram o oferecimento de drogas pelos pares, o prazer que as drogas proporcionavam e a curiosidade que envolvia a utilização das drogas. Noto et al. (2004) confirmam tais dados, expondo que, dentre os motivos atribuídos pelos jovens para o uso de drogas, estão à diversão ou prazer obtidos, o esquecimento da tristeza, o fato dos amigos usarem e a intenção de se sentir mais solto ou desinibido.

O estudo de Galduróz, Noto e Carlini (1997) encontrou associação positiva entre a faixa etária e o consumo de drogas entre estudantes. Os resultados apontaram para o fato de que, quanto maior a idade, maior a probabilidade de uso abusivo de drogas. De forma semelhante, Baus et al. (2002) apontaram que os indivíduos com 15 anos ou mais tinham aumentado o risco do uso de drogas em geral. O aumento do consumo devido ao avanço da idade foi o dobro para utilização de tranquilizantes, o triplo para cocaína, mais de cinco vezes maior para alucinógenos e mais de sete vezes maior para uso de maconha. O aumento do uso de solventes e álcool foi menor. A influência da classe socioeconômica foi mais nítida no que diz respeito ao uso de drogas ilegais, e o consumo foi mais alto na classe média que na baixa. Os alunos da rede particular de ensino, com melhor situação financeira, também relataram um uso significativamente

maior de cigarro, álcool, inalantes e maconha que os alunos da mesma idade que estudam na rede estadual de ensino.

Outras pesquisas referentes ao consumo de drogas entre adolescentes identificaram que o abuso de substâncias está associado aos fatores sociodemográficos, culturais e psicopatológicos que podem ser agrupados como “protetores” e/ou “facilitadores” (Soldara, Delgalarrondo, Correa Filho & Silva, 2004). A família é um agente que exerce forte influência sobre o uso de drogas entre adolescentes, podendo funcionar tanto como fator de proteção quanto como fator de risco (Albertani, Scivoletto, & Zemel, 2004). Wu Lu, Sterling e Weisner (2004) concordam que a disfunção familiar é um dos vários fatores causais na produção de abuso de droga e distúrbios comportamentais entre jovens.

Noto et al. (2004) constataram que a grande maioria das crianças e adolescentes que não estavam morando com suas famílias faziam uso diário de drogas. Em contrapartida, menos de 1/5 dos jovens que estavam morando com suas famílias faziam uso de drogas diariamente. Outros estudos, como o de Gozalvo, Neiva-Silva, Wagner e Koller (2002) e o de Neiva-Silva, Borowsky & Koller (2004) têm apontado a manutenção do vínculo familiar como sendo um eficiente fator de proteção em relação ao abuso de drogas por jovens. Por outro lado, a família pode ser vista, também, como um fator de risco apontado para o uso de drogas. Nesse caso, o fator de risco poderia ser o evento de os pais abusarem de drogas, por exemplo. Raffaelli et al. (2001) concordam, apontando a fuga dos conflitos e dos abusos ocorridos junto às famílias associados ao uso de drogas no contexto familiar como a principal razão para crianças e adolescentes saírem de casa e ficarem em situação de rua.

Butters (2002) avaliou o impacto dos estressores familiares no desenvolvimento do uso de maconha entre adolescentes. Um levantamento foi feito com 3990 estudantes com idades entre 7 e 13 anos, da cidade de Ontário, por intermédio de um questionário. Os resultados sugeriram que os estressores familiares têm efeitos tanto diretos (início e progresso da utilização de maconha) quanto indiretos (rendimento escolar) no uso de maconha feito pelos jovens, e que os estressores familiares atuam ampliando a probabilidade de uso de maconha. Em razão dos aspectos observados, é possível concluir que a maneira como os pais educam seus filhos diz muito a respeito do comportamento de risco que esses podem vir a ter na adolescência.

Em 2005, Schenker e Minayo (2003) realizaram uma revisão crítica da literatura sobre a relação entre adolescência, família e uso abusivo de drogas. Inicialmente os

pesquisadores investigaram a relação entre infância, adolescência, família e abuso de drogas. Em um segundo momento, foi investigada a necessidade de engajamento da família no tratamento do uso de drogas. Os resultados das investigações apontaram para a importância da participação dos amigos, da escola, da comunidade e do sistema legal no tratamento do adolescente que utiliza substâncias psicoativas. Entretanto, é a relevância do engajamento familiar no tratamento do jovem que usa drogas o fator apontado como o mais importante por tais pesquisas. Em suma Schenker e Minayo (2003) consideram que a família tem um importante papel na criação de condições relacionadas ao uso de drogas, podendo agir como fator tanto de risco quanto de proteção. A maneira como se cria os filhos é fundamental na constituição do indivíduo. As práticas utilizadas na criação que costumam ser características do meio familiar de adolescentes que apresentam distúrbios de conduta e abuso de substâncias são a administração insatisfatória da família, a criação omissa, a disciplina e o monitoramento parental inadequados, a irritabilidade dos pais e os processos familiares coercitivos.

A família é vista como uma das fontes de socialização primária do adolescente, juntamente com a escola e o grupo de amigos. Nesse contexto o clima emocional propiciado pelos pais na criação dos filhos (os estilos parentais) é ressaltado porque, dentre muitas outras variáveis, podem facilitar ou dificultar o uso abusivo e a dependência de drogas. Nesta acepção, alguns estudiosos acreditam que há uma correlação significativa entre a percepção do adolescente de pertencimento a uma família coesa e o menor consumo de drogas. Há estudos que também encontraram inúmeras relações entre o estilo parental e o comportamento dos filhos adolescentes nos domínios da personalidade, do ajustamento, da realização acadêmica e do uso de substâncias (Florenzano, Sotomayor & Otava, 2001; Rees & Valenzuela, 2003; Weiss & Schwarz, 1996).

## **CAPÍTULO II**

### **Estilos Parentais**

Há diversos modos de entender as relações que se estabelecem entre pais e filhos. Dentre elas, destaca-se a proposta de Baumrind (1966) sobre os “Estilos Parentais”. Os Estilos Parentais são o clima familiar que os pais utilizam para socializar seus filhos, de acordo com suas crenças e valores. A princípio, foram estipulados três tipos de controle parental, denominados de autoritário, autoritativo e permissivo (Baumrind, 1967, Darling & Steinberg, 1993). Seguindo a linha de Baumrind (1966), Maccoby e Martin (1983), sugeriu-se que os estilos parentais fossem analisados por meio de duas dimensões: exigência e responsividade.

A exigência está relacionada às atitudes que visam ao controle, à supervisão e ao monitoramento dos filhos, pelo estabelecimento de limites, regras e padrões de conduta. Assim sendo, relaciona-se às atitudes parentais que necessitam de supervisão e disciplina, e que podem provocar confronto diante de desobediência. Tal dimensão relaciona-se com o desenvolvimento de indivíduos competentes, com escores elevados em medidas de desempenho e obediência e baixos em problemas de comportamento. Por outro lado, a exigência também pode estar relacionada a indivíduos inseguros quanto ao próprio desempenho, com índices mais baixos de autoestima e com mais sintomas psicológicos (Baumrind, 1991; Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg, & Ritter, 1997; Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991; Pacheco, 1999; Parish & McCluskey, 1992).

A dimensão responsividade diz respeito à compreensão, ao apoio emocional, ao apego, à reciprocidade e à comunicação clara dos pais para com os filhos, pretendendo promover autonomia e autoafirmação nos jovens. A responsividade refere-se às atitudes parentais que objetivam a individualidade e a autoafirmação dos filhos por meio do apoio e da aprovação. A responsividade relaciona-se a índices mais altos de bem-estar psicológico, autoestima e autoconfiança (Baumrind, 1991; Glasgow et al., 1997; Lamborn et al., 1991; Pacheco, 1999; Parish & McCluskey, 1992).

Maccoby e Martin (1983) propuseram, a partir de análises das duas dimensões, quatro estilos parentais. Os padrões autoritário e autoritativo, citados por Baumrind (1966), foram mantidos, enquanto que o padrão permissivo foi transformado em dois novos padrões, chamados de indulgente e negligente. A combinação das dimensões, exigência e responsividade, então, define os quatro estilos parentais, que são avaliados por meio de uma escala. Desta forma, pais com escores altos em ambas as dimensões

são classificados como autoritativos; aqueles com escores baixos em ambas recebem a classificação de negligentes. Pais com escores altos em exigência e baixos em responsividade são denominados autoritários; enquanto isso, pais com elevados escores em responsividade e baixos em exigência são classificados como indulgentes (Costa, Teixeira & Gomes, 2000; Henningen, 1994; Lamborn et al., 1991; Maccoby & Martin, 1983).

A escala citada avalia as dimensões de responsividade e exigência parentais, e foi criada por Lamborn et al. (1991). Costa et al. (2000) traduziram-na e adaptaram-na para o Português. No estudo em questão, as escalas foram aplicadas a 378 adolescentes, que cursavam o ensino médio em três escolas públicas de Porto Alegre, cuja maioria dos alunos pertencia à classe média e médio-baixa. A média de idade do grupo foi de aproximadamente 15 anos, sendo que 62% dos participantes eram do sexo feminino. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram às escalas de exigência e responsividade de Lamborn et al. (1991), devidamente traduzidas pelos pesquisadores brasileiros em questão.

Tais escalas são instrumentos de autorrelato nos quais os adolescentes avaliam atitudes e práticas de seus pais para consigo, relacionadas às dimensões responsividade e exigência. Análises de variância demonstraram que a exigência materna percebida foi maior do que a paterna entre adolescentes de ambos os sexos, mas as meninas relataram níveis de exigência (materna e paterna) mais altos do que os meninos. A responsividade materna observada foi superior à paterna para ambos os sexos, porém as adolescentes do sexo feminino atribuíram escores de responsividade mais altos às suas mães do que os adolescentes do sexo masculino. Não houve diferenças entre os sexos quanto ao nível de responsividade paterna. Os estilos parentais que mais se destacaram, na população pesquisada, foram o autoritativo (36,7%) e o negligente (35,5%). O estilo indulgente teve a proporção observada, nesta amostra, de 14,5% enquanto que o autoritário teve 13,3%. Os autores sugeriram novas pesquisas que buscassem identificar, de uma maneira mais precisa, os fatores envolvidos nas práticas educativas que os pais utilizam para com seus filhos (Lamborn et al., 1991).

Conforme sugerido, Teixeira, Bardagi e Gomes (2004) realizaram um estudo visando a refinar o instrumento para avaliação das dimensões de exigência e responsividade parentais percebidas entre adolescentes. Itens da versão inicial do instrumento foram modificados, objetivando enriquecer o conteúdo das escalas e melhorar sua fidedignidade. Inicialmente, um conjunto de 33 itens foi aplicado em uma

amostra de 550 adolescentes de ambos os sexos com média de idade de aproximadamente 16 anos. As análises dos componentes principais apontaram para a existência de duas componentes mais relevantes, que seriam as dimensões exigência e responsividade. Os resultados do estudo revelaram que o instrumento tem validade de construto e grande consistência interna. Assim, podendo ser utilizado em pesquisas futuras e outros contextos.

Os filhos de pais autoritativos e autoritários, que são os estilos marcados pela alta exigência, costumam apresentar características como alta competência, desempenho e obediência e poucos problemas de comportamento. Por outro lado, filhos de pais autoritativos ou indulgentes, estilos que têm altos índices de responsividade, tendem a caracterizar-se como tendo índices mais altos de bem-estar psicológico, autoestima e autoconfiança (Aunola, Stattin, & Nurmi, 2000; Glasgow et al., 1997; Lamborn et al., 1991; Maccoby & Martin, 1983; Parish & McCluskey, 1992; Shucksmith, Hendry, & Glendinning, 1995).

Os pais tidos como autoritativos estabelecem e fazem cumprir as regras por meio do monitoramento da conduta e da utilização de métodos não-punitivos quando há violação de tais regras. Eles esperam e reforçam responsabilidade social e comportamento maduro em seus filhos. Também são calorosos, encorajam o diálogo, incentivam o ponto de vista dos filhos e reconhecem os direitos tanto dos pais quanto dos filhos (Pacheco, 1999). Pais vistos pelos filhos como autoritários também tendem a moldar e controlar o comportamento e as atitudes de seus filhos de acordo com um determinado padrão. Enfatizam a obediência, o respeito pela autoridade e a ordem. Entretanto, de acordo com Pacheco (1999), esses não encorajam o diálogo com seus filhos e esperam que eles sigam as regras, mesmo quando elas não forem explicadas adequadamente, o que contrasta com a criação autoritativa.

Pode-se dizer que uma criação negligente, ou seja, com baixos índices de exigência e responsividade, resultaria em níveis reduzidos de bem-estar psicológico, assim como poucas chances de desenvolvimento de competências acadêmicas e sociais. Os pais considerados negligentes apresentam uma tendência a não monitorar o comportamento de seus filhos e a não se importar com os interesses destes. (Aunola et al., 2000; Glasgow et al., 1997; Lamborn et al., 1991; Maccoby & Martin, 1983; Parish & McCluskey, 1992; Shucksmith et al., 1995).

Os pais percebidos pelos filhos, segundo Glasgow et al. (1997), como indulgentes também são tolerantes, costumam exercer pouca autoridade, fazem poucas

exigências por comportamento maduro e permitem auto-regulação por parte dos filhos. Entretanto, envolvem-se com seus filhos, ao contrário dos pais negligentes, que se preocupam mais consigo mesmos.

## **CAPÍTULO III**

### **Modelos de Intervenção Parental para Prevenção e Tratamento do Uso de Drogas em Adolescentes**

Conforme Steinberg (2000), a família se constitui no ambiente socializador fundamental da criança. É no contexto familiar que a criança realizará suas primeiras aprendizagens, que culminarão na aquisição de um repertório comportamental do qual se valerá para interagir com o ambiente social de maneira eficaz.

Pacheco, Reppold e Hutz (2005) colocam que a análise da interação familiar tem preocupado não somente os pesquisadores em Psicologia do Desenvolvimento, mas também os psicólogos clínicos, por observarem, em sua prática com crianças e adolescentes, o reflexo das estratégias parentais ineficientes e prejudiciais para o desenvolvimento. Nesse sentido, tem se buscado desenvolver formas de intervenção que possam auxiliar as famílias na educação de seus filhos. .

Objetivando discutir as estratégias utilizadas pelos pais no processo de socialização de crianças e adolescentes, serão apresentados alguns modelos de intervenção que pretendem ensinar os pais a lidar de maneira eficiente com o comportamento de seus filhos.

A forma como os pais lidam com o comportamento de seus filhos é abordada na literatura por meio de três conceitos principais: estilos parentais, práticas educativas e atitudes parentais. O estilo parental, como já foi visto, caracteriza a maneira como os pais lidam com as questões de poder e hierarquia na relação com seus filhos. Além disso, o conceito também abarca a questão das posições que os pais adotam diante dos problemas disciplinares, como exercem controle sobre o comportamento dos filhos e a forma com que tomam decisões (Hennigen, 1994; Pacheco, Teixeira e Gomes, 1999). Os estilos parentais são quatro: negligente, indulgente, autoritativo e autoritário. Estes quatro estilos são determinados pela combinação entre duas dimensões: a exigência e a responsividade (Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch, 1991).

Conforme Pacheco, Reppold e Hutz (2005), as atitudes parentais dizem respeito às crenças e aos valores dos pais, que servem de base para suas ações. As práticas educativas ou de cuidado são caracterizadas pelas estratégias utilizadas pelos pais para lidar com o comportamento dos filhos no processo de socialização. Tais práticas têm sido classificadas de diversas formas, por diferentes autores. Hoffman (1975, 1979)

divide as práticas educativas em técnicas coercitivas (como uso de punição verbal ou física, privação de privilégios e ameaça de castigo) e indutivas (como explicação, comando verbal não-coercitivo e alteração da situação ambiental).

Existem diferentes técnicas para intervenção psicológica, objetivando prevenir e tratar o uso de drogas entre adolescentes. As técnicas de terapia e modificação do comportamento que os profissionais da saúde dispõem lhes permite abordar os distúrbios mentais com meios eficazes para o seu tratamento. Tais aparatos buscam modificações do comportamento de maneira prática e profunda (McMahon,1996) .

Há uma grande diversidade de procedimentos da modificação do comportamento. Aqui optou-se pela sugestão de um tipo específico de intervenção, conhecido como Treinamento de Pais (TP). McMahon (1996) explica que o TP pode definir-se como um enfoque para o tratamento dos problemas de comportamento que utiliza procedimentos por meio dos quais os pais recebem um treinamento que lhes possibilita modificarem o comportamento de seus filhos em casa.

Marinho e Silvares (2011) apresentam três modelos de intervenção que objetivam a modificação comportamental infanto-juvenil desadaptado. O primeiro modelo seria a psicoterapia parental grupal sem a participação dos filhos. O segundo modelo incluiria orientação parental e intervenção nos filhos. Tal modelo previne a desistência dos pais além de possibilitar o desenvolvimento de estratégias para que as crianças possam enfrentar eventuais problemas diante do comportamento parental. Os encontros podem ser individual ou em grupos. O terceiro modelo é feito com os pais e visa o desenvolvimento de habilidades próprias ao papel parental. A intervenção é realizada em grupo. Há um foco na aquisição, pelos pais, de conhecimento sobre princípios de aprendizagem e de habilidades relevantes na interação com crianças.

A orientação ou treinamento de pais se contrapõe à idéia de que as habilidades necessárias para a educação e o cuidado de crianças e adolescentes são inerentes à parentalidade. Acredita-se que alguns déficits nas habilidades próprias do papel parental (HPPP) é, em parte, responsável pelo desenvolvimento e manutenção de problemas de comportamento infantil. Na atualidade acredita-se que, muitas vezes, os pais precisam aprender estratégias para lidar com os filhos e, nesse sentido, o treinamento de pais tem demonstrado ser uma boa alternativa (McMahon, 1996).

Segundo McMahon (1996), o treinamento de pais (TP) se traduz em tratar os problemas do comportamento infantil utilizando procedimentos através dos quais os pais aprendem a modificar o comportamento de seus filhos. O terapeuta ensina os pais

uma série de procedimentos específicos para a modificação da sua interação com os filhos.

O TP vem sendo aplicado em diversos problemas infantis, como enurese, obesidade e aderência a prescrições médicas. Além disso, também serve como prevenção, no caso de pais que estão em risco de maltratar filhos. Todavia, é empregado principalmente no tratamento de crianças que mostram problemas de comportamento manifestos, tais como birra, agressão e desobediência excessiva. Revisões recentes apontam que o TP vem sendo uma das intervenções que mais obtêm êxito em crianças e adolescentes com problemas comportamentais e suas famílias (McMahon, 1996).

## CONCLUSÃO

A maneira como os pais lidam com o comportamento de seus filhos é abordada na literatura através de três conceitos principais: estilos parentais, práticas educativas e atitudes parentais. Tais preceitos nos auxiliam no entendimento de como as crianças são educadas e, também, como os problemas em seus comportamentos se desenvolvem e perpetuam.

Há diversidade de procedimentos no que diz respeito à técnicas que visam modificação de comportamento. Na presente revisão optou-se pela sugestão da intervenção conhecida como Treinamento de Pais (TP). McMahon (1996) explica o TP como sendo um enfoque para o tratamento dos problemas de comportamento que utiliza procedimentos por meio dos quais se treina os pais para modificarem o comportamento de seus filhos.

Verificou-se que Marinho e Silveiras (2011) apresentam três modelos de intervenção que objetivam a modificação do comportamento infanto-juvenil desadaptado. O primeiro modelo é a psicoterapia parental grupal sem a participação dos filhos. O segundo modelo inclui orientação parental unida à intervenção nos filhos. O terceiro modelo é feito com os pais e visa o desenvolvimento de habilidades próprias ao papel parental. O que chama atenção em tais orientações é o fato de conterem a propostas de os pais aprendem novas maneiras de interagir com seus filhos, o que possibilita a mudança na educação que as crianças recebem e, conclusivamente, em seu comportamento e em suas vidas como um todo.

A característica geral do treinamento de pais é que ele é uma intervenção realizada com pais que objetiva ensiná-los habilidades próprias ao papel parental, implementar sua auto-estima e seu senso de auto-eficácia, assim como auxiliá-los na modificação da interação familiar, bem como do comportamento dos seus filhos. Levando em conta o referencial da teoria comportamental, que pressupõe que os comportamentos são determinados pela interação do indivíduo com o ambiente, a orientação parental é uma tentativa de abarcar um maior número de variáveis contextuais envolvidas na determinação do comportamento infantil (Marinho, 2000).

Domingues, Natividade e Hutz (2011) verificaram as relações entre estilos parentais percebidos e uso de drogas por adolescentes, além de testar o poder preditivo dos estilos parentais para o consumo dessas substâncias psicoativas. Para tanto, aplicou-se um inventário sobre o uso de drogas e uma escala de estilos parentais em 649

estudantes de escolas públicas e particulares, 55% eram do sexo feminino, com média de idade de 14,9 anos ( $DP=1,6$ ). Constatou-se maior frequência de usuários de drogas entre os participantes do ensino fundamental, os de escolas públicas e os com percepção de estilo parental negligente. As variáveis idade, tipo de escola, exigência e responsividade parental compuseram um modelo preditivo para o consumo de drogas. Os resultados indicaram a importância do estilo autoritativo para a prevenção e do negligente para o risco do uso de drogas.

Os achados em tal estudo unem-se a outros resultados de pesquisas sobre problemas psicossociais que bebem da mesma fonte, que é a forma de os pais educarem e conviverem com seus filhos. Desta maneira, vemos que tais problemas reivindicam soluções já ensaiadas, mas ainda não colocadas em prática de maneira efetiva nas redes sociais. Vislumbra-se o nascer de saneamento de problemas de saúde pública mental, de aplicação da tecnologia desenvolvida através da pesquisa científica.

Na tentativa de suprir tal demanda, sugere-se uma “Pesquisa e Intervenção”, que visa, ao mesmo tempo, aplicar e avaliar um programa dirigido para orientação parental. Conforme Pacheco, Bardagi, Reppold e Hutz (2010), programas de orientação de pais são indicados para a promoção de estratégias que favoreçam o desenvolvimento dos filhos. Os autores esforçam-se para construir, reunir e comparar instrumentos adequados que avaliem intervenções dirigidas para pais. No entanto, existe a carência de pesquisas que avaliem a eficácia das intervenções. Desta maneira, o sempre presente intuito de unir ciência e tecnologia trouxe a necessidade de avaliar a eficácia de tais programas.

Na tentativa de unir os avanços em psicologia comunitária e intervenções psicossociais com as evoluções em avaliação psicológica, este projeto pretende, ao mesmo tempo, intervir na comunidade com um programa de educação familiar, assim como avaliar sua eficácia. Para tal, serão realizadas avaliações antes e após a aplicação de um programa similar ao que foi desenvolvido por Garcia, Yunes, Lucas, Garcia (2010), que pretende melhorias na educação familiar assim como o exercício da cidadania.

No sentido de aprender realizando, propõe-se realizar uma pesquisa conjunta com uma ação semelhante à do Programa de Educação Familiar (Garcia, Yunes, Lucas, Garcia, 2010) “Encontros Dialógicos com Famílias”, que é desenvolvido desde 2006 por meio de encontros reflexivos e dialógicos com pais ou responsáveis pelo cuidado infantil no ambiente familiar de um bairro de baixa renda de Porto Alegre. Os objetivos dos encontros dialógicos são: 1) identificar e reconhecer práticas educativas e estilos

parentais, refletindo a respeito delas; 2) levantar as necessidades e prioridades da população, com encontros grupais sistemáticos; 3) criar um espaço que possibilite a discussão sobre a educação de crianças e adolescentes nas famílias, primando pela troca de experiências entre os participantes dos encontros. Cabe ressaltar que o modelo a ser desenvolvido no presente projeto será acrescido da discussão, com o grupo, de algumas técnicas educativas trazidas pelos profissionais do Programa.

Tal variação advém da familiaridade adquirida com técnicas sugeridas pelo Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento, de Caballo (1996), no qual são apresentadas técnicas de terapia e modificação do comportamento que os profissionais da saúde dispõem e que lhes permite abordar os distúrbios mentais com uma notável segurança por possuírem meios eficazes para o seu tratamento. O manual apresenta importantes técnicas terapêuticas do campo da terapia e modificação do comportamento de maneira prática e ao mesmo tempo profunda. Cada capítulo expõe uma técnica explicitando sua história, definição e descrição, fundamentos conceituais e empíricos, procedimentos, variações, aplicações, resumo e leituras recomendadas. Assim, serão empregadas algumas técnicas sugeridas no manual.

A estratégia metodológica para o encontro com as famílias do estudo no qual o presente projeto baseou-se foi a “Inserção Ecológica na Comunidade” (Ceconello; Koller, 2004), por meio da qual o pesquisador interage com membros significativos do ambiente estudado. No estudo atual, a inserção iniciará-se em associações de bairros e encontros de familiares em escolas de Porto Alegre e Alvorada/RS, nas quais mediadores como diretores escolares, professores, representantes de círculos de pais e mestres e agentes sociais acompanharão os pesquisadores inicialmente. Cabe lembrar que no presente estudo, não serão realizadas visitas domiciliares, como no estudo supracitado. Serão visitadas escolas e espera-se que os encontros funcionem nas mesmas ou em locais disponibilizados pela comunidade ou, ainda, por ONGs.

Buscando unir os avanços em psicologia comunitária e intervenções psicossociais com as evoluções em avaliação psicológica, este projeto pretende, ao mesmo tempo, intervir na comunidade com um programa de educação familiar, assim como avaliar sua eficácia. Para tal, serão realizadas avaliações antes e após a aplicação do programa em questão. A proposta do Programa Dirigido para Orientação Parental, como já foi dito, é similar ao Programa de Educação Familiar (Garcia, Yunes, Lucas, Garcia, 2010) “Encontros Dialógicos com Famílias”, porém, por questões éticas e metodológicas, vale lembrar que os programas são diferentes.

As famílias serão convidadas a participar do programa e da pesquisa. Dados obtidos com a pesquisa de (Garcia, Yunes, Lucas, Garcia, 2010) demonstraram que cerca de 30 encontros seriam necessários (durante cerca de um ano) para obter resultados benéficos com a proposta. Conforme as pesquisadoras, cada encontro durou em torno de 1 hora e 30 minutos e eram realizados com grupos de famílias. Visando obter dados mais precisos em relação treinamento de habilidades e estratégias que favoreçam o desenvolvimento de crianças e adolescentes, serão combinadas avaliações antes e após as intervenções. Por fim, as avaliações serão posteriormente comparadas, objetivando verificar a eficácia do programa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albertani, H. M. B., Scivoletto, S., & Zemel, M. L. (2004). Prevenção do uso indevido de drogas: Fatores de risco e proteção. In SENAD (Ed.), *Atualização de conhecimentos sobre redução da demanda de drogas*. pp. 63-86. Ed. UFSC.
- Aunola, K., Stattin, H., & Nurmi, J. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence*, 23, 205-222.
- Bahr, S. J., Hoffmann, J. P., & Yang, X. (2005). Parental and peer influences on the risk of adolescent drug use. *The Journal of Primary Prevention*, 26(6), 529-551.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11, 56-95
- Baus, J., Kupek, E., & Pires, M. (2002). Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. *Revista de Saúde Pública*, 36 (1), 40-46.
- Borawski, E. A., Ievers-Landis, C. E., Lovegreen, L. D., & Trapl, E. S. (2003). Parental monitoring, negotiated unsupervised time, and parental trust; the role of perceived parenting practices in adolescent health risk behaviors. *Journal of Adolescent Health*, 33(2), 60-70.
- Butters, J. E. (2002). Family stressors and adolescent cannabis use: a pathway to problem use. *Journal of Adolescence*, 25, 645-654.

- Caballo, V.E. (1996). Manual de Técnicas de Terapia e Modificação de Comportamento. Ed. Santos.
- Carlini, E. A., Galduróz, J. C. F., Noto, A. R., & Nappo, A. S. (2006). *II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil*. São Paulo: CEBRID – UNIFESP.
- Carlini, E. A., Noto, A. R., Galduróz, J. C. F., & Nappo, S. A. (1996). Visão histórica sobre o uso de drogas: passado e presente. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 45(4), 227-36.
- Carlini-Cotrim, B., Gazal-Carvalho, C., Gouveia, N. (2000). Comportamentos de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, 34(6), 636-45.
- Cecconello, A.M.; Koller, S.H. (2004). Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. IN: Koller, S.H. (Org.) (2004). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 13(3), 465-473.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-493.
- Domingues, A.E., Natividade, J.C., Hutz, C.S. (2011). Uso de Drogas e Estilos Parentais Percebidos na Adolescência. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 4 (1), 3-11.
- Forster, L. M. K., Tannhauser, M., & Barros, H. M. T. (1996). Drug use among street children in southern Brazil. *Drug and Alcohol Dependence*, 43, 57-62.
- Florenzano, R, Sotomayor, P., & Otava, M. (2001) Estudio comparativo del rol de la socialización familiar y factores de personalidad en las farmacodependencias juveniles. *Revista Chilena de Pediatría*, 72 (3), 219-233.
- Fulkersen, J. A., Harrison, P. A., & Beebe, T. J. (1999) DSM-IV Substance Abuse and Dependence: Are There Really Two Dimensions Substance Use Disorder in Adolescents? *Addiction*, 94, 495-506.
- Garcia, N.M., Yunes, M.A., Lucas, L.B. E Garcia, S.F. (2010). Programas de educação familiar e suas contribuições para o exercício da parentalidade e cidadania. In: Hutz,

- C.S. (2010). *Avanços em psicologia comunitária e intervenções psicossociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Galduróz, J. C. F., Noto, A.R., & Carlini, E.A. (1997). *IV levantamento sobre uso de drogas entre estudantes de 1o. e 2º. Graus de 10 capitais brasileiras no ano de 1997*. São Paulo: CEBRID – UNIFESP.
- Galduróz, J. C. F., Noto, A. R., Fonseca, A. M., & Carlini, E. A. (2005). *V Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras – 2004*. São Paulo: CEBRID – UNIFESP.
- Glasgow, K. L., Dornbusch, S. M., Troyer, L., Stemberg, L., & Ritter, P. L. (1997). Parenting styles, adolescent' attributions, and educational outcomes in nine heterogeneous high schools. *Child Development*, 68, 507-529.
- Gozalvo, I.S., Neiva-Silva, L. Wagner, F., & Koller, S. (2002). *Influência das drogas nos projetos futuros de adolescentes em situação de rus*. Trabalho apresentado no I Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão, São Paulo.
- Guimarães, J.L., Godinho, P.H., Cruz, R., Kappann, J.I., Tosta Junior, L.A. (2004). Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP. *Revista de Saúde Pública- Comunicações Breves*;38(1):130-2.
- Hennigen, I. (1994). *Dimensões psicossociais da adolescência: Identidade, relação familiar e relação com amigos*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Hoffman, M. (1975). Moral Internalization, parental Power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 11, 228-239.
- Hoffman, M. (1979). Development of moral thought, feeling and behavior. *American Psychologist*, 34, 959-966.
- Horta, R. L., Horta, B. L., Pinheiro, R. T., Morales, B., & Strey, M. N. (2007). Tabaco, álcool e outras drogas entre adolescentes em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil: uma perspectiva de gênero. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(4), 775-783.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.
- Laranjeira, R., Pinsky, I., Zaleski, M., & Caetano, R. (2007). *I Levantamento Nacional Sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira*. Brasília: SENAD.

- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In: P. H. Mussen & E. Hetherington (Orgs.). *Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development* (pp.1-101). New York: Wiley.
- MacRae, E. (2001). Antropologia: Aspectos sociais, Culturais e Ritualísticos. In S. D. Seibel & A. Toscano Jr. (Org.), *Dependência de Drogas* (pp. 25-34). São Paulo: Atheneu.
- Marinho, M.L. (2000). Intervenção comportamental para pais e crianças em clínica-escola: Efetividade, limitações e prevenção da desistência. Em: R.R. Kerbauy (Org.). *Sobre comportamento e cognição – Conceitos, pesquisa e aplicação, a ênfase no ensinar, na emoção e no questionamento clínico*. (pp. 241-249). Santo André, SP: Arbytes.
- Marinho, M.L. & Silves, E.F. (2001). Modelos de orientação a pais de crianças com queixas diversificadas. Em: R.C. Wielenska (Org.) *Sobre comportamento e cognição – Questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas e em outros contextos*.(pp. 165-178). Santo André, SP: Arbytes.
- McMahon (1996). Treinamento de pais. Em: Caballo, V.E. (1996). *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação de Comportamento*. Ed. Santos.
- Medina, M. G., Santos, D. N., & Filho, N. A. (2001). Epidemiologia do consumo de substâncias psicoativas. In S. D. Seibel & A. Toscano Jr. (Orgs.). *Dependência de drogas*. (pp.161-180). São Paulo: Ed.Atheneu.
- Neiva-Silva, L., Borowsky, F., & Koller, S. H. (2004). O Método autofotográfico na Pesquisa e Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano. In S. H. Koller (Ed.) *Ecologia do Desenvolvimento Humano – Pesquisa e Intervenção no Brasil*. pp.245-266. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Noto, A. R., Galduróz, J. C. F., Nappo, S. A., Fonseca, A. M., Carlini, M. A., Moura, Y. G., & Carlini, E. A. (2004). *Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras – 2003*. São Paulo: CEBRID – UNIFESP.
- Pacheco, J. T. B. (1999). *Estilos parentais e o desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

- Pacheco, J., Reppold, C. e Hutz, C.S. (2005). Modelos de Intervenção Parental para Tratamento de Crianças e Adolescentes com Problemas de Comportamento. Em: Hutz, C.S. (org.) *Violência e risco na Infância e Adolescência: Pesquisa e Intervenção.*(2005). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pacheco, J.T.B, Bardagi, M.P., Reppold, C.T., Hutz, C.S. (2010). Instrumentos de avaliação das práticas educativas parentais no contexto brasileiro. In: Hutz, C.S. (2010). *Avanços em avaliação psicológica e neuropsicológica de crianças e adolescentes.* São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Parish, T. S., & McCluskey, J. J. (1992). The relationship between parenting styles and young adult's self-concepts and evaluation of parents. *Adolescence*, 27, 915-918.
- Raffaelli, M., Koller, S. H., Reppold, C. T., Kuschick, M. B., Krum F. M. B., & Bandeira, D. R. (2001). How do brazilian street youth experience 'the street'? Analysis of a sentence completion task. *Childhood*, 8, 396-415.
- Rees, R., & Valenzuela, A. (2003) Características individuales y de la estructura familiar de um grupo de adolescentes abusadores de alcohol y/o marihuana. *Revista Chilena de Neuro-Psiquiatría*, 41(3), 173-185.
- Rutter, M. (1993). Resilience: Some conceptual considerations. *Journal of Adolescent Health*, 14, 626-631.
- Sanchez, Z. M., Oliveira, L. G., & Nappo, S. A. (2005). Razões para o não-uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco. *Revista de Saúde Pública*, 39(4).
- Schenker, M., & Minayo, M. C. (2003) A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(1), 299-306.
- Seibel, S. D., & Toscano Jr., A. (2001). *Dependência de drogas.* São Paulo: Atheneu.
- Soldera, M., Delgalarrondo, P., Correa Filho, H. R., & Silva, C. A. M. (2004). Uso de drogas psicotrópicas entre estudantes: prevalência e fatores sociais associados. *Revista de Saúde Pública*, 38(2), 277-283.
- Springer, A. E., Sharma, S., Guardado, A. M., Nava, F. V., & Kelder, S. H. (2006). Perceived parental monitoring and health risk behavior among public secondary school students in El Salvador. *The Scientific World Journal*, 6(3), 1810-1814.
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S., & Dornbusch, S. M. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 65, 754-770.

- Steinberg, L. (2000). The family at adolescence: Transition and transformation. *Journal of Adolescent Health, 27*, 170-178.
- Strauch, E. S., Pinheiro, R. T., Silva, R. A., & Horta, B. L. (2009). Uso de álcool por adolescentes: estudo de base populacional. *Revista de Saúde Pública, 43*(4).
- Shucksmith, J., Hendry, L.B. & Glendinning, A. (1995). Models of parenting – implications of family functioning and well-being. *The Journal of Genetic Psychology, 159*, 389-403.
- Tavares, B. F., Béria, J. U., & Lima, M. S. (2001). Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. *Revista de Saúde Pública, 35*(2),150-58.
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P. & Gomes, W. B. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica, 3*(1), 1-12.
- Varella, A.C. (2005). *A Cultura do Uso de Psicoativos nas Grandes Civilizações Pré-Colombianas (aproximações e perspectivas)*. Trabalho final na disciplina “As Bebidas Alcoólicas e Outras Drogas Psicoativas na História” da Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. Manuscrito não publicado.
- Weiss, L. H., & Schwarz, J. C. (1996). The relationship between parenting types and older adolescents’ personality, academic achievement, adjustment, and substance use. *Child Development, 67*(5), 2101-2114.
- WHO, World Health Organization. (1980). *A methodology for student drug use surveys*. WHO Offset Publication n°. 50, Geneva.
- WHO, World Health Organization. (2007). *Alcohol and injury in emergency departments: summary of the report from the WHO collaborative study on alcohol and injuries*. Paris: Library Cataloguing.
- Wood, M. D., Read, J. P., Mitchell, R. E., & Brand, N. H. (2004). Do parents still matter? Parent and peer influences on alcohol involvement among recent high school graduates. *Psychology of Addictive Behaviors, 18*(1), 19-30.
- Wu, N. S., Lu, Y., Sterling, S., & Weisner, C. (2004) Family environment factors and substance abuse severity in an HMO adolescent treatment population. *Clinical Pediatrics, 43*, 323-333.
- Yunes, M. A. M., & Szymanski, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Org.), *Resiliência e educação* (pp.13-42). São Paulo: Cortez.